



Apresentação

Séries/Anos iniciais do
Ensino Fundamental

Programa Nacional do Livro Didático

Presidente da República Federativa do Brasil

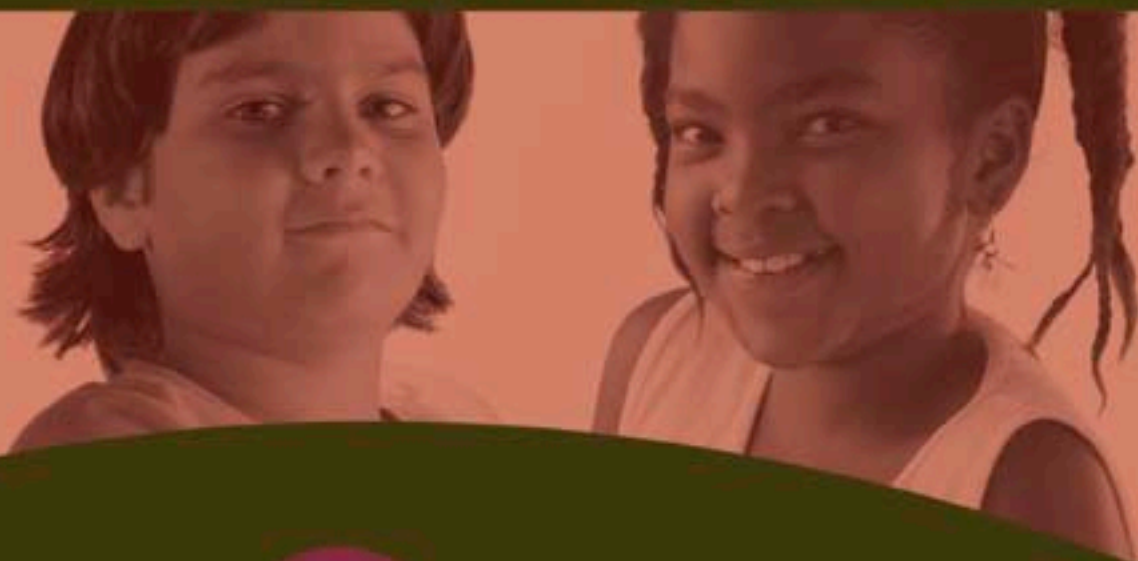
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário-Executivo

Jairo Jorge



Apresentação

Séries/Anos iniciais do
Ensino Fundamental

Programa Nacional do Livro Didático

Ministério da Educação
Secretário de Educação Básica
Francisco das Chagas Fernandes

Diretora de Políticas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental
Jeanete Beauchamp

Coordenadora-Geral de Estudos e Avaliação de Materiais – SEB
Jane Cristina da Silva

Equipe Técnico-Pedagógica – SEB

Andréa Kluge Pereira	Cecília Correia Lima
Elizangela Carvalho dos Santos	Ingrid Lílian Fuhr Raad
José Ricardo Albernás Lima	Márcia Coutinho Martins
Maria José Marques Bento	Norma Teresinha Oliveira Reis
Tayana de Alencar Tormena	

Equipe de Informática

Áleny de Abreu Amarante	Leandro Pereira de Oliveira
-------------------------	-----------------------------

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE
Presidente do FNDE

José Henrique Paim Fernandes

Diretor de Ações de Assistência Educacional

Daniel Silva Balaban

Coordenador-Geral de Produção e Distribuição do Livro

Alexandre Serwy

Equipe do FNDE

Neuza Helena Portugal dos Santos	Silvério Morais da Cruz
Sônia Schwartz Coelho	

Edição e Diagramação

Ana Luzia Biserra de Santana	Fernando Braga da Gama e Melo
Israel Lima Gonçalves	Izaías Gonçalves de Lima Neto
Jane T. da Costa Diehl	Juliana Henriques e Silva
Rodrigo Barreto Tenório	

Criação e Arte

Marco Severo Pimentel de Oliveira

Brasília - 2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

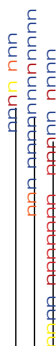
Brasil. Secretaria de Educação Básica

Guia do livro didático 2007 : apresentação : séries/anos iniciais do ensino fundamental /
Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica,
2006.

44 p. : il. ISBN 8598171298

1. Livro didático. 2. Avaliação do livro didático. 3. Programa Nacional do Livro Didático. I.
Título.

CDU 371.671(036)



Sumário

Introdução	5
1. Para começo de conversa	6
2. Sendo assim... ..	7
3. Adotar um livro: um jogo e suas regras	8
4. Um livro é um livro; nada mais que um livro?	11
5. E agora, vamos escolher os livros?	13
6. A Organização do Guia	15
7. Lembretes, dicas e sugestões	17
8. Uma questão de escolha	32
9. Depois da escolha: cuidados com o manuseio e a conservação do livro	33
10. Preenchendo o formulário	34
11. Recebendo os livros	39
12. Acompanhando a distribuição na escola	40
13. Bibliografia	41

Professor, Professora,

Mais uma vez, o Guia de Livros Didáticos chega à sua escola. Como vocês já sabem, este Guia contém a síntese da avaliação pedagógica pela qual passam os livros e as coleções distribuídos pelo Ministério da Educação. A avaliação é um processo detalhado e criterioso, que tem o objetivo de fornecer a você, professor, professora, um material de qualidade, consistente, isento de erros e/ou preconceitos e que possa contribuir, efetivamente, para o trabalho em sala de aula. Para que os livros e coleções tenham um papel significativo, é preciso conhecer as obras e escolher aquelas que mais se aproximam da proposta pedagógica da escola e das expectativas dos professores.

Mas escolhas nem sempre são fáceis. É preciso ler, refletir, analisar, julgar para que a escolha seja consciente, coerente e representativa do grupo de professores. Pensando nisso, apresentamos, a seguir, uma série de informações importantes sobre as questões que envolvem esse processo de discussão e reflexão. São dicas práticas, especialmente elaboradas para auxiliar o grupo de professores na condução da escolha daqueles livros didáticos que irão acompanhá-lo nos próximos três anos.

Finalmente, nunca é demais lembrar que o seu trabalho e a sua experiência, professor, professora, é que são o diferencial na sala de aula e no cotidiano de seus alunos.

1. Para começo de conversa¹...

Este é o momento em que as escolas públicas de todo o país começam a decidir, no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que livros didáticos (LD) vão adotar a partir do próximo ano. Pensando nisso, apresentamos um conjunto de lembretes e dicas que, por meio da leitura das resenhas, tornem mais ágil e proveitoso esse processo de escolha. O objetivo final é um só: colaborar para que o processo seja organizado, coletivo e consciente, em vez de um exercício apressado, solitário e irrefletido diante de uma lista de títulos.

¹ Texto de autoria do Professor Egon Rangel, originalmente divulgado sob o título “Para não esquecer: de que se lembrar na hora de escolher um livro do Guia?”



2. Sendo assim...

Este roteiro não é nem pretende ser completo. Cada região, cada escola, cada grupo de professores, tem a sua história e as suas particularidades, impossíveis de conhecer de antemão e à distância. Portanto, depois de fazer uma primeira leitura deste roteiro, verifiquem se não faltou algo importante. Em caso afirmativo, explicitem a lacuna e a discussão com os colegas; em caso de consenso, acrescentem e/ou adaptem o que for necessário.

3. Adotar um livro: um jogo e suas regras

A partir de agora, vocês vão “adotar um livro”. Já repararam nos sentidos que a palavra “adotar” implica? Então vejam o que nos diz a respeito o Aurélio Eletrônico, porque conhecer o sentido da palavra é a primeira regra desse jogo delicado:

Verbetes: adotar

[Do lat. adoptare.]

V. t. d.

1. Optar ou decidir-se por; escolher, *preferir*: “Entre mandar a carta ao destinatário e entregá-la a Sofia, adotou afinal o segundo alvitre” (Machado de Assis, Quincas Borba, p. 183).
2. Seguir, *abraçar*: Adotou a carreira do pai.
3. Tomar, *assumir*.
4. Aceitar, *acolher*, *seguir*: adotar um conselho.
5. *Pôr em prática*, em uso; praticar, aplicar: A nova república adotou o regime democrático.
6. *Atribuir (a um filho de outrem) os direitos de filho próprio*; perfilhar, legitimar.
7. Usar de, ou passar a usar de; tomar, assumir: “Insensivelmente adotei um tom de cerimônia.” (Domingos Monteiro, Contos do Dia e da Noite, p. 18.)

V. t. d. e i.

8. *Aprovar*; outorgar.

V. transobj.

9. *Admitir*, *aceitar*; *reconhecer*: Adotei-o por filho; Adotarei a criança como minha neta.

10. *Recorrer a*, valer-se de: Adotou a passividade como defesa.

V. int.

11. Jur. *Tomar por filho*; perfilhar, legitimar.

Como é fácil perceber, todos os sentidos sublinhados explicitam que adotar envolve *uma tomada de decisão consciente e responsável*, na medida em que nos compromete intimamente com o objeto da adoção. Isso não quer dizer, evidentemente, que não seja possível, depois de uma experiência concreta, rever e repensar o gesto. Antes pelo contrário: adotar um livro é usá-lo criticamente e, assim, ser capaz de fazer uma nova escolha, quando for o caso.

Mas não é só. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é um programa nacional; portanto, de grandes proporções e extremamente complexo, com todas as vantagens e desvantagens dessa envergadura. Isso quer dizer, entre outras coisas, que a escolha do professor não é — nem pode ser — um ato idêntico ao de encomendar um livro em uma livraria. Daí a necessidade de conhecermos as regras básicas que organizam o funcionamento desse Programa, para garantir um resultado o mais próximo possível do desejado.

Para o seu conhecimento, as condições a que o acesso ao livro desejado está submetido, no PNLD, são, *grasso modo*, as seguintes:

- *vigência de três anos* — o livro escolhido só poderá ser substituído por outro título no próximo PNLD. Portanto, não façam escolhas puramente individuais ou irrefletidas; isso pode dificultar e até impedir o trabalho da equipe. Discutam exaustivamente, decidam como equipe; e não se esqueçam de que três anos não são três dias. Em resumo: dadas as regras do jogo, o livro é, antes de mais nada, uma escolha da escola, com conseqüências de curto e médio prazos.

- *negociação do FNDE com autores e editores* — uma vez escolhido, o livro é negociado com os detentores dos direitos autorais, em termos de preço, tiragem mínima, prazo para entrega etc. Os resultados nem sempre são felizes, porque cada aspecto da negociação pode envolver um impasse ou uma impossibilidade dos editores, como a de entregar a encomenda na quantidade e no prazo necessários. Daí a importância da segunda opção, que deve ser tão “pra valer” quanto a primeira, para não comprometer todo o investimento da equipe e do próprio PNLD. Portanto, não será demais repetir: *a segunda opção também é uma opção*, e não pode ser desperdiçada com uma escolha aleatória. Por isso mesmo, deve envolver uma editora diferente da primeira, para evitar que eventuais obstáculos na negociação comprometam ambas as escolhas.
- *a “reserva técnica” e seus limites* — a função da reserva técnica é a de constituir uma espécie de acervo de emergência, capaz de socorrer escolas em que, por algum motivo, o livro não chegou, ou chegou em quantidade insuficiente. Para evitar a formação de reservas com títulos variados mas em quantidades insuficientes para atender um número significativo de escolas, os livros que compõem esse acervo são apenas os dois mais escolhidos de cada disciplina no estado. Como pode acontecer de serem esses os livros que a sua escola venha a receber, procurem informar-se antes sobre os mais votados; e, no planejamento didático do ano letivo, considerem essa eventualidade. Assim, a equipe não será pega desprevenida.
- *o formulário a preencher* — uma vez escolhido o livro, é necessário preencher adequadamente o formulário que garantirá o pedido. Há regras estritas para isso; sigam rigorosamente as orientações. E não se esqueçam: se a escola optar por não usar LD nessa ou naquela série, nessa ou naquela disciplina, usem o recurso correspondente para informar o FNDE.

4. Um livro é um livro; nada mais que um livro?

Mas o que estará em jogo num programa como o PNLD? Em que estamos todos apostando, quando recorremos ao *livro* como recurso didático básico, tão básico que é assegurado a todos por um programa do Estado?

Ao contrário de instrumentos como o vídeo, por exemplo, o livro é o domínio por excelência da escrita. Por isso mesmo, é por meio dele que temos acesso privilegiado à cultura letrada. E como vocês já sabem, até mesmo por suas histórias pessoais, ler e escrever são competências básicas, tanto para a conquista progressiva da autonomia nos estudos, quanto para o sucesso escolar. Talvez por simbolizar todas essas promessas, o livro — assim como o caderno novo, de que nos fala João Cabral, em *Morte e vida Severina* — é capaz de exercer um grande fascínio sobre o aprendiz, seduzindo-o de uma forma muito própria, como nesse trecho de um poema autobiográfico de Drummond:

Biblioteca verde

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.

São só 24 volumes encadernados

em percalina verde.

Meu filho, é livro demais para uma criança.

Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.

Quando crescer eu compro. Agora não.

Papai, me compra agora. É em percalina verde,

só 24 volumes. Compra, compra, compra.

Fica quieto, menino, eu vou comprar.

(...)

[Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1992.]

Como vocês já devem estar imaginando, o LD pode, ainda que mais modestamente, ser algo como uma “biblioteca verde”, e não só para o garoto que tem pouco acesso ao mundo da escrita. Nesse sentido, nenhum livro será “livro demais para uma criança”, especialmente se essa criança puder senti-lo como “seu” e se o professor ajudá-lo nessa apropriação.

Em resumo, um livro é um livro; por isso mesmo, *é mais que um livro*, é uma desejada biblioteca verde, uma porta aberta para o mundo da escrita, para a “Cidade das Letras”² — e isso, em qualquer disciplina. Portanto, um LD bem escolhido, do qual professor e aluno possam fazer um bom uso, é essencial para o exercício da cidadania própria da “república das letras”, imprescindível para a plena conquista da outra.

² Esse é um empréstimo compulsório. A vítima é Angel Rama, que, no livro a que deu esse título (São Paulo, Brasiliense, 1985), analisa a relação entre a cultura letrada latino-americana e seus correlatos políticos

5. E agora, vamos escolher os livros?

As coleções e os livros de Alfabetização e os regionais de História e de Geografia que se encontram no Guia diferem entre si, quer no grau de adesão aos critérios de qualidade, quer na forma com que organizam suas propostas didáticas, propiciando dinâmicas de trabalho às vezes bastante diferenciadas.

Para que a escolha reflita melhor a realidade de sua escola, seja mais adequada ao tipo de trabalho que a equipe desenvolve e evite o impasse do simples confronto de opiniões pessoais,

- **organizem-se em grupos e planejem a leitura e a discussão do Guia.**

levem em conta as equipes ou grupos já existentes, reunindo-se por disciplina ou por turno, por exemplo. Programem o trabalho para os dias e horários mais adequados, recorrendo aos esquemas e cronogramas já previstos pela escola para planejamento e discussão pedagógicos.

- **não se esqueçam de que, no PNLD, a escolha de uma mesma obra para uma mesma disciplina vale para toda a escola.**

Para muitos professores, essa condição parecerá incômoda, um limite arbitrário para sua autonomia profissional. Entretanto, se o processo for democraticamente conduzido, ou seja, se garantir a participação efetiva de todos na discussão e na tomada de decisão, os benefícios dessa aparente limitação serão muitos. Em primeiro lugar, porque a discussão dos motivos que levam cada professor a preferir essa ou aquela obra contribui para a formação continuada de todos, na medida em que produz, passo a passo, os critérios e os argumentos em torno dos quais os consensos podem se estabelecer. Em segundo lugar, porque o uso de um único livro por uma mesma disciplina é uma referência importante para a organização prática do trabalho didático-pedagógico; entre outras coisas, porque permite uma articulação mais estreita e mais ágil entre as

equipes de diferentes turnos e séries. Alunos ou professores que mudem de turma ou de turno beneficiam-se diretamente desse recurso comum a um mesmo LD, na medida em que podem situar-se no andamento do curso com mais facilidade.

Por todos esses motivos, a escolha resultante de discussão e consenso torna-se um excelente recurso para fortalecer o trabalho coletivo e para ajudar tanto a construir quanto a “fazer acontecer” o projeto pedagógico e curricular da escola. E não podemos esquecer que essas práticas são fundamentais para criar e alimentar a cultura que dá vida a uma escola.

6. A Organização do Guia

Antes de ler as resenhas, especialmente para quem não teve nenhum contato prévio com o Guia, vale a pena folheá-lo, com vistas a uma primeira aproximação. Afinal, o Guia não deixa de ser um livro como outro qualquer, e manusear um exemplar é o nosso primeiro impulso, diante da prateleira de uma livraria ou biblioteca: o que nos promete esse volume? É nesse movimento inicial que construímos, muitas vezes sem perceber, as bases de um convívio mais demorado e produtivo.

Como o processo de avaliação considera coleções completas, à exceção dos livros de alfabetização e os regionais, o que está em jogo são propostas didático-pedagógicas para todo um segmento do Ensino Fundamental, numa disciplina determinada. Por isso mesmo, o Guia está organizado em *seis volumes de resenhas*, que correspondem a disciplinas ou componentes curriculares: Língua Portuguesa, Alfabetização, Matemática, História, Geografia e Ciências. *Introduções específicas* abrem cada um dos volumes, explicando os critérios próprios da área e reproduzindo as fichas utilizadas para a avaliação, tanto de cada volume, quanto da coleção em seu conjunto. Só depois de todos esses textos é que aparecem as resenhas.

Mas afinal, o que é uma resenha, e como extrair dela as informações de seu interesse sobre as coleções?

O nome pode soar estranho e, talvez, pouco familiar, mas ler resenhas — ou críticas — é um hábito quase cotidiano, ao menos para quem lê jornais e revistas e aproveita boas oportunidades de entretenimento e enriquecimento cultural. Quer saber o que há de interessante no cinema, no teatro, na televisão? Quer saber se é bom o último CD do seu cantor(a) preferido(a)? Quer comprar um livro recém-lançado, para presentear um amigo ou para ler nas férias? É fácil: consulte as resenhas das seções correspondentes. Lá, você terá textos breves que *descrevem* e

avaliam, de acordo com *critérios* em geral implícitos (porque se supõe que sejam amplamente partilhados com o leitor), livros, CDs, espetáculos. O objetivo final desses textos é tão evidente que raramente se explicita: subsidiar o leitor para formar uma opinião e, com base nela, escolher as alternativas que mais lhe convenham.

Não seria diferente com o Guia. Em suas páginas, as resenhas:

- descrevem as coleções, livros de Alfabetização e livros regionais, do ponto de vista dos pressupostos teórico-metodológicos assumidos, de sua organização particular, dos conteúdos selecionados, do tratamento didático dado a esses conteúdos etc.;
- avaliam e exprimem seu desempenho e qualidade, do ponto de vista dos princípios e critérios específicos da área em questão;
- informam a respeito de implicações mais diretas dessas obras para a organização do trabalho em sala de aula.

Com esses dados em mãos, você e sua equipe estarão melhor aparelhados para escolher obras didáticas de boa qualidade e adequadas aos interesses e necessidades de sua escola.

7. Lembretes, dicas e sugestões

A essa altura, já sabemos o que pode nos oferecer o Guia, e começamos a perceber com mais clareza como o LD pode ser importante no cotidiano do aluno e do professor, ajudando um e outro na organização do ensino e da aprendizagem. Considerando tudo o que já se disse, apresentamos, a seguir, um conjunto de lembretes, dicas e sugestões, a serem levados em conta por seu grupo de discussão, com o objetivo de favorecer uma escolha o mais bem sucedida possível.

7.1 O que dá a um livro o seu caráter e qualidade didático-pedagógicos é, mais que uma forma própria de organização interna, **o tipo de uso que se faz dele**; e os bons resultados também dependem diretamente desse uso. Logo, convém não esquecer: um livro, entendido como objeto, é apenas um livro. O que pode transformá-lo numa atraente “biblioteca verde” é **o uso adequado à situação particular de cada escola**. Podemos exigir — e obter — bastante de um livro, desde que conheçamos bem nossas necessidades e sejamos capazes de entender os limites do LD e ir além deles. Por isso mesmo, o melhor, em todo e qualquer livro, está nas oportunidades que ele oferece de acesso ao mundo da escrita e à cultura letrada; tal como nas páginas de internet, que são tão melhores quanto mais articulações ou links estabelecerem com outras páginas. Sendo assim, os livros que, *sem deixar de dar adequadamente o seu recado*, estimulem a leitura de outros, alimentem e orientem a sua curiosidade e a de seu aluno, são preferíveis: como não simulam conter *tudo* o que seria necessário saber, não só não nos iludem como nos apontam outras metas. Seja como for, é importante verificar, ao escolher um desses livros, a que outras fontes de informação — como bibliotecas, obras de referência e equipamentos — a escola poderá ter acesso. Muitas vezes, o bom uso de um LD depende de uma articulação adequada com esses outros tipos de recursos e materiais didáticos.

7.2 Seja qual for a área em questão, um LD não pode desconhecer as conquistas propiciadas pelas teorias da aprendizagem, especialmente a partir das grandes sínteses produzidas na década de 1980. Falando muito genericamente, pode-se dizer que as pesquisas desenvolvidas nessa área vêm acumulando descobertas que já nos permitem formular, com alguma precisão, como se processa a aprendizagem, o que nos tem obrigado a aposentar muitas crenças atualmente infundadas em que o ensino e a organização escolar se baseavam. Assim, a história recente da educação pode ser dividida, *grosso modo*, em duas grandes fases. A primeira delas, que chamaremos de *tradicional*, foi dominada pelas preocupações praticamente exclusivas com o ensino. As grandes questões, para os educadores, eram o quê e como ensinar, considerando-se os saberes disponíveis e os objetivos socialmente perseguidos em cada nível de ensino. O aluno — a pessoa “sem luzes”³ — pouco ou nada podia contribuir, em suas “trevas”, para a forma pela qual os educadores organizavam a progressiva chegada das luzes ao seu território. Na segunda fase é a aprendizagem, ou melhor, o que já sabemos a respeito dela, que comanda o ensino. Atentos aos movimentos, estratégias e processos típicos do aprendiz numa determinada fase de sua trajetória e num certo contexto histórico e social, os educadores procuram organizar situações e estratégias de ensino o mais possível compatíveis e adequadas. Nesse sentido, o esforço empregado no planejamento do ensino

3 Circulou por muito tempo, entre os educadores, uma versão fantasiosa da etimologia de aluno que atribuía a essa palavra de origem latina a composição a-lumnus. O primeiro componente, a-, seria um prefixo com significado de “privação”; e o segundo seria uma das formas da palavra lumen/luminis (luz). Assim, alumnus significaria “sem-luzes”. Entretanto, tal como informam as professoras Maria Emília Barcellos da Silva e Maria Carlota Rosa, da UFRJ, alumnus origina-se não de lumen, mas de um antigo participio de alere (alimentar), e significava “criança de peito”, “criança que se dá para criar”. Seja como for, o desejo da escola de que “sem-luzes” fosse o significado da palavra e, por isso mesmo, o lugar próprio do aluno, explica a permanência do mito entre muitos pedagogos.

e na seleção e emprego de estratégias didático-pedagógicas em sala de aula acaba tomando *o processo da aprendizagem* como princípio metodológico de base.

7.3 Como toda e qualquer leitura proveitosa, a consulta ao Guia pressupõe propósitos bem definidos. Quem não sabe o que procura, dificilmente acha. Portanto, antes de ler, **façam ao Guia as perguntas que vocês querem ver respondidas, em relação ao que cada livro pode oferecer.** [Por que escolher um livro? O que pretendemos de um LD? Por que o livro X? Para quê? Para quem? Com que conseqüências práticas possíveis?]

Uma estratégia interessante para chegar-se a perguntas pertinentes é a de avaliar o livro atualmente em uso, verificando em que e por que vocês estão — ou não — satisfeitos com ele. A *seleção de conteúdos* é adequada? A seqüência com que são apresentados obedece à *progressão da aprendizagem* planejada por sua escola? O conjunto dos conteúdos, assim como o *tratamento didático* dado a eles, são adequados para o seu aluno e estão de acordo com o *currículo*? A *linguagem* é clara e precisa? O texto das explicações é acessível para os alunos? As atividades se preocupam em ajudar o aluno a entender o texto das lições? O livro do professor contribuiu o suficiente para um melhor uso do material?

Depois dessa primeira reflexão, vocês terão uma visão mais clara de suas necessidades e exigências, e poderão ler as resenhas do Guia com mais autonomia. Mas não é só. A reflexão pode ir além da experiência pessoal, dialogando com estudos de especialistas. A propósito, Gérard e Roegiers⁴, pedagogos belgas que estudaram o assunto, lembram-nos

⁴ GÉRARD, François-Marie & ROEGIERS, Xavier. Conceber e avaliar manuais escolares. Porto, Porto Ed., 1998. (Ciências da Educação, 30)

que **um LD, seja qual for sua área específica, deve preencher várias funções simultâneas**, tanto do ponto de vista do aluno quanto do professor. No que diz respeito ao aluno, um bom LD deve desempenhar, entre outras, as seguintes funções:

- *transmissão de conhecimentos* — trata-se da mais direta e conhecida das funções de um LD, sem dúvida essencial, mas muitas vezes valorizada em excesso, em detrimento de outras, fundamentais para o desenvolvimento intelectual do aprendiz. Livros e materiais que se limitem a essa função oferecem apenas o mínimo indispensável a alunos e professores, em nada rompendo com a abordagem que estamos denominando como *tradicional*. Por outro lado, é importante verificar *quantos* e *quais* conteúdos foram selecionados pelo LD, assim como a forma como foram distribuídos e organizados ao longo das unidades. Só assim vocês poderão saber se a escolha e o tratamento dado aos conteúdos estão de acordo com o planejamento da escola.
- *desenvolvimento de capacidades e competências* — essa é uma função essencial para a formação de cidadãos críticos e para o desenvolvimento progressivo da autonomia nos estudos, razão pela qual um bom material não pode deixar de contemplá-la satisfatoriamente. É no tratamento dado a esse quesito que podemos verificar se o LD de fato trata a criança como *aprendiz*, ou seja, como um *sujeito* que toma parte ativa no processo de ensino/aprendizagem, ou como um simples recipiente para conteúdos escolhidos à sua revelia. É aqui, portanto, que vocês poderão aquilatar mais claramente tanto o envolvimento do LD com as pesquisas mais recentes na área, quanto o seu compromisso com a aprendizagem. Exercícios exaustivos de memorização, perguntas com as respostas explicitadas no texto imediatamente anterior, são recursos que podem levar o aluno a *acertar* a resposta, sem, no entanto, *compreender* o que faz e *aprender* algo novo.
- *consolidação de conhecimentos práticos e teóricos adquiridos* — esse fator é muito relevante para que o aluno incorpore o aprendido aos contextos particulares e ao seu cotidiano. Nesse quesito, de acordo com as pesquisas citadas por GÉRARD & ROEGIERS, o caminho mais adequado para

uma efetiva apropriação dos conhecimentos pelo aluno é o *indutivo*, na medida em que é por essa via que a própria criança pode sistematizar e organizar o conhecimento, *apropriando-se dele*. Isso não quer dizer, evidentemente, que os processos dedutivos devam ser banidos do ensino, mas sim que o tratamento didático dos conteúdos, no LD, deve prever, em momentos chave da aprendizagem pretendida — como o momento em que se introduz um novo objeto de conhecimento — um caminho essencialmente indutivo. Por outro lado, a consolidação do conhecimento não deve limitar-se à memorização pura e simples; atividades e exercícios *de aplicação* do conhecimento a novas situações são mais eficazes que as inúmeras repetições.

- *avaliação dos conhecimentos práticos e teóricos adquiridos* — por meio dessa função, o LD pode contribuir tanto para a localização das eventuais dificuldades de aprendizagem, quanto para a sua superação. Por isso mesmo, um bom LD inclui a avaliação e a auto-avaliação do aluno — na forma de orientações e fichas de controle, por exemplo — entre as estratégias didático-pedagógicas de que se vale. E como é preciso saber o quê e para quê se avalia, é importante que o LD deixe muito claros os objetivos a serem atingidos pelo aprendiz.
- *referência para informações precisas e exatas* — às vezes pouco explorado, esse é um aspecto do LD que pode atribuir-lhe um caráter suplementar de obra de referência, quer nos momentos de estudo individual em casa, quer na solução de dúvidas pontuais. Por isso mesmo, o LD pode — e deve — funcionar também como fonte para o estudo individual.

Considerando esse conjunto de funções chave, procurem verificar, nas resenhas do Guia, quais as contempladas e quais as mais trabalhadas em cada LD. Em particular, não se contentem com a pura e simples transmissão de conhecimentos; verifiquem se as atividades e exercícios propostos desenvolvem de fato competências e habilidades do aprendiz; e dêem preferência aos LD mais completos e equilibrados, no que diz respeito aos serviços prestados ao aluno.

Do ponto de vista do professor, um bom LD deve desempenhar funções como:

- *informação científica e geral* — como não se pode conhecer *tudo* nem estar atualizado *em tudo*, uma função importante do LD está na qualidade, correção e atualização das informações científicas e gerais que apresenta. Quanto mais detalhadas e de melhor qualidade, para os objetivos do ensino, mais essas informações podem colaborar em sua tarefa de ensinar conhecimentos pertinentes e confiáveis.
- *formação pedagógica diretamente relacionada à disciplina em questão* — transformações e conquistas ocorridas numa área do saber implicam, também, mudanças em relação ao *quê* e ao *como* ensinar, como já vimos. Por esse motivo, ao incorporar adequadamente esses avanços, o bom LD contribui para a sua formação continuada.
- *ajuda no desenvolvimento das aulas* — ser um roteiro ou um plano detalhado para aulas e cursos é uma das funções mais conhecidas do LD, no Brasil. Na medida em que pretenda funcionar como um manual, todo LD deve desempenhar correta e adequadamente essa função; mas não pode prescindir do professor. Ou seja, não pode transformar vocês, professores, em simples monitores do livro. A interação, o diálogo em que o docente desempenha um papel ativo e crítico, em relação às propostas, deve ser o caminho buscado pelo LD. Da mesma forma, o professor deve sempre pensar nos usos diferenciados que um LD pode permitir, como alterações de seqüências, atividades complementares, aspectos diversos da realidade local etc.
- *ajuda na avaliação dos conhecimentos práticos e teóricos adquiridos* — ainda sem querer substituir o professor, o LD deve contribuir para a avaliação da aprendizagem que propõe, uma vez que toda situação de ensino e de aprendizagem busca validar e mesmo legitimar, do ponto de vista do reconhecimento social, as competências, habilidades e conteúdos desenvolvidos.

Assim, levantar as principais funções cumpridas por um LD, do ponto de vista do professor, contribuirá para a escolha dos livros mais adequados a suas necessidades. Nesse quesito, procurem sempre as

obras que subsidiem mais adequadamente o trabalho, assim como as que ofereçam maiores oportunidades para o crescimento profissional e pessoal de vocês, principais interessados em todo esse processo.

E no que diz respeito à reflexão sistemática sobre os aspectos mais específicos de cada disciplina, vocês poderão recorrer às fichas utilizadas na avaliação oficial, que vêm reproduzidas no volume específico de cada área.

7.4 Considerando a discussão precedente, um primeiro conjunto de perguntas aparece como estratégico para a definição da escolha, em função das conseqüências que suas respostas poderão acarretar para o trabalho de toda a equipe. É por isso que vem lembrado aqui.

O LD em análise é compatível com:

- as conquistas propiciadas pelas pesquisas em aprendizagem, tais como referidas nos itens 7.1 a 7.3?
- o projeto pedagógico e curricular da escola?
- a flexibilidade para as explorações diversificadas que o uso coletivo demanda?
- a infra-estrutura (equipamentos, recursos) e as condições de trabalho de que vocês podem dispor?
- as possibilidades de articulação e de trabalho conjunto propiciadas por sua escola?

7.5 Nosso Guia, como qualquer outro, tem suas limitações. Nele, não se diz nem se poderia dizer *tudo* a respeito de cada livro. Por isso mesmo, convém, sempre que possível, organizar feiras de LD — ou qualquer outro tipo de recurso — para **ter em mãos o maior número possível de títulos** e poder examiná-los também sob outros pontos de vista.

7.6 Uma questão a enfrentar é a da organização curricular de base adotada na escola: série ou ciclo? Por força de uma tradição escolar bastante conhecida, as coleções incluídas no Guia, na quase totalidade dos casos, ainda seguem o princípio da seriação. Entretanto, muitas de

nossas escolas pautam-se pelos ciclos. O que fazer? Nesse momento, é bom não perdermos de vista o que está em jogo nessa oposição entre os dois sistemas, para que se entenda em que medida um mesmo material pode — ou não — servir a dois padrões diferentes.

Antes de mais nada, lembrem-se de que a organização por ciclos pretende, em princípio,

- evitar a rigidez, inerente ao sistema seriado, na definição de prazos para o ensino/aprendizagem dos diferentes tipos de conteúdos;
- compatibilizar o ritmo geral pressuposto pela progressão curricular da escola com as diferenças particulares que se constata entre tipos diversos de aluno;
- que os compromissos pedagógicos de base de cada ciclo — como a alfabetização e a proficiência em leitura e escrita de determinados gêneros e tipos de texto — possam ser assumidos em conjunto por todas as disciplinas e professores do ciclo em questão.

Seja como for, tanto quanto no sistema seriado, a programação de cada ano letivo permanece como uma referência básica para o trabalho escolar. Portanto, a diferença essencial entre um e outro sistemas está numa orientação pedagógica que, se bem entendida e assumida, pode conviver sem maiores contradições com materiais e mesmo com sistemas seriados. Evidentemente, será preciso fazer do LD escolhido um *uso condizente* com os *princípios do ciclo* — o que seria necessário fazer mesmo que o livro escolhido fosse “ciclado”. Assim, vocês deverão, por exemplo, determinar os momentos (e mesmo as seqüências) em que as unidades ou lições do LD, nas séries ou volumes que cobrem o período letivo previsto para o ciclo em questão, serão exploradas em sala de aula. Para exemplificar com um caso muito discutido pelos professores dos dois ou três primeiros anos de escolarização: os materiais disponíveis para

alfabetização e 1ª e 2ª séries formam um conjunto de recursos que uma escola organizada por ciclos pode utilizar adequadamente — ou seja, de acordo com um plano próprio — *ao longo* dos dois ou três anos previstos para o primeiro ciclo.

Assim, enquanto não dispomos de coleções pensadas especialmente para as novas e diversas ordenações curriculares, a preocupação principal dos professores de escolas cicladas deve ser não com a existência de coleções igualmente cicladas, mas com *a compatibilidade da proposta pedagógica dos LD com as concepções de base do projeto pedagógico da escola*, assim como com as semelhanças e diferenças de distribuição de conteúdos ao longo dos anos letivos previstos em cada ciclo. Cada volume de uma coleção seriada deverá, portanto, adequar-se à programação curricular prevista para um bloco ou para um ano letivo do ciclo correspondente.

7.7 O LD, em qualquer disciplina, é um instrumento fundamental (às vezes praticamente único) do acesso da *criança popular* à leitura e à cultura letrada. A propósito, Darcy Ribeiro utilizava essa expressão para sublinhar uma característica fundamental de boa parte das crianças que freqüentam nossas escolas públicas. Em sua maioria oriundos de camadas populares, nossos meninos e meninas fazem parte de uma cultura que a escola vem desconhecendo e, em muitos casos, negando. Sem poder aprofundar adequadamente o assunto, ainda assim convém lembrar dois de seus traços básicos:

- muito embora não desconheça a escrita, trata-se de *uma cultura eminentemente oral*, com pouco convívio com materiais escritos e pequena familiaridade com o funcionamento próprio da língua escrita;
- apesar das muitas *diferenças lingüísticas de caráter regional* — há regiões marcadas pela presença indígena; outras, pela influência negra; em certos lugares, os imigrantes europeus é que dão o

tom; e assim por diante — todas essas crianças falam, e tendem a escrever, o *português popular* do Brasil, que se diferencia do português culto em aspectos como o vocabulário, a estrutura das palavras, a morfologia verbal e nominal, a colocação pronominal, a estrutura da frase, a forma de organizar a fala etc.

Isso significa que a escola, como porta-voz e agente de uma outra cultura e de uma outra linguagem, não pode se comportar como se a cultura e a linguagem de origem do aluno fossem erradas ou deficientes, pelo simples fato de não serem a cultura e a linguagem a que o conhecimento formal e os conteúdos escolares estão associados. Caso contrário, a atitude da escola será discriminatória e, portanto, incompatível com o ensino/aprendizagem e com o pleno exercício da cidadania.

Assim, em lugar de estigmatizar a linguagem do aluno e supervalorizar o português culto, a escola deve *planejar a forma como vai difundir a escrita*, a cultura letrada e a norma culta, colaborando para a sua progressiva incorporação por parte da criança popular. Nesse sentido, a atitude politicamente correta, assim como a clareza e a fluência da linguagem empregada pelo LD — ou seja, a **legibilidade dos textos** — têm um *valor estratégico* da maior importância. Portanto, dêem preferência aos livros mais legíveis, que **valorizem e estimulem o aluno como leitor em formação**. E aproveitem a oportunidade para discutir, sem qualquer preconceito, as semelhanças e diferenças entre a linguagem culta e escrita do LD e a fala da maioria dos alunos.

Por outro lado, não se esqueçam de que a legibilidade não depende só do texto; depende também de uma adequada mediação da leitura por parte do professor. Lendo com o aluno os trechos mais complexos, propondo “traduções” possíveis, estabelecendo semelhanças e diferenças entre formas diversas de dizer/escrever, ajudando a criança a desenvolver estratégias de

leitura eficazes, vocês estarão colaborando significativamente para a formação do jovem leitor.

Um meio interessante de fazer essa mediação consiste em explicitar para o aluno as estratégias por meio das quais vocês mesmos são capazes de vencer dificuldades de entendimento de um texto. Como vocês procuram, no próprio texto, as informações e as pistas necessárias para entender o que lêem? Como elaboram suas hipóteses a respeito do que não está dito com todas as letras? Como vocês verificam se essas hipóteses estão corretas? Quando recorrem a um dicionário ou a uma enciclopédia? Como as ilustrações, gráficos, tabelas podem contribuir para a (re)construção dos sentidos?

É claro que cada pessoa tem um jeito próprio de ler, desde as estratégias de aproximação — Comprar ou emprestar? Folhear antes ou não? “Dar uma geral” no livro ou ir direto ao capítulo? — até as técnicas de processamento do texto, ou seja, as operações que precisamos realizar para, ao percorrê-lo linha por linha, atribuir sentidos às palavras, expressões, frases, parágrafos, entrelinhas. Mas por maiores que sejam as diferenças individuais de leitura, quando você *fala* o que faz e como faz quando lê, você estimula o aprendiz a se pôr nesse mesmo lugar, e a pensar em si próprio como leitor. Assim, ele também poderá falar sobre sua maneira de ler, estabelecendo-se um diálogo proveitoso para ambos: o aluno terá acesso a uma forma mais madura de ler; e você entenderá melhor como ele lê, podendo interferir com mais eficácia nessa aprendizagem. E afinal, é exatamente de trocas desse tipo que vivem as comunidades leitoras, até as mais sofisticadas.

Se quiserem uma ajuda técnica tanto para perceber em vocês mesmos como acontece a leitura quanto para entender e ajudar o aluno, há muita coisa para ler. Entre elas, vale a pena citar, pela facilidade de acesso e pela

clareza da exposição, três livros escritos especialmente para o professor que não é especialista em ensino de leitura:

- *Texto e leitor*, da professora e pesquisadora Angela Kleiman, da UNICAMP, editado em Campinas pela Editora Pontes (6ª ed., 1999);
- *Como facilitar a leitura*, das professoras e pesquisadoras Lúcia Fulgêncio e Yara Liberato, da UFMG, publicado pela editora Contexto, de São Paulo (4ª ed., 2000);
- *Estratégias de leitura*, da professora espanhola Isabel Solé, publicado no Brasil pela Ed. Artes Médicas de Porto Alegre (6ª ed., 1998).

7.8 Como já vimos, cada disciplina tem **uma forma característica de construir conhecimentos** e, portanto, de organizar o pensamento e estruturar a explicação e a argumentação próprias da área. Um problema matemático, uma explicação gramatical, um conceito científico, um fato histórico ou uma paisagem geográfica não se formulam da mesma maneira; tampouco se argumenta nos mesmos moldes, em cada uma dessas áreas. Reconhecer e entender essas maneiras particulares de dizer/escrever, na construção do conhecimento, *faz parte da aprendizagem dos conteúdos específicos de cada disciplina*. Por isso mesmo, será mais adequado — e mais recomendável — o livro que souber ensinar a linguagem própria com que cada disciplina trata seus conteúdos. Nesse sentido, o LD funcionará melhor como instrumento para a mediação de leitura que é parte do ensino de qualquer área.

7.9 Para cumprir seus objetivos didático-pedagógicos, cada livro seleciona certos conteúdos em detrimento de outros, e os organiza de acordo com um determinado plano e numa certa seqüência. Nesse gesto — e ocupando o lugar do professor — o LD:

- efetua uma seleção da matéria a ser dada;
- estabelece para ela um certo tipo de abordagem e um tratamento didático particular;
- propõe um trajeto próprio para sua exploração.

Verifiquem se essas opções estão de acordo com o projeto e o **currículo** da escola para a disciplina em questão e se envolvem uma **progressão** adequada (de uma série para outra e no interior de cada uma delas). Nesse momento, é fundamental voltar a lembrar que, com exceção dos livros regionais e dos de Alfabetização, a unidade é a coleção, e não o volume/série isolado. O que é uma excelente oportunidade para garantir, entre outras coisas, um planejamento e um agir didático-pedagógico mais coesos, assim como uma progressão satisfatória da aprendizagem.

7.10 O Manual do Professor (MP), é uma peça chave para o bom uso do Livro Didático. Um manual adequado deve ao menos *explicitar a proposta* didático-pedagógica que apresenta, descrever a organização interna da obra e orientar o docente em relação ao seu manejo. É desejável, ainda, que explicithe seus fundamentos teóricos e que indique e discuta, no caso de exercícios e atividades, as respostas esperadas. É com um bom MP, portanto, que o LD cumpre mais adequadamente sua função de formação pedagógica específica, assunto de que tratamos no item 7.3.

7.11 Por fim, uma sugestão (que é também uma dica e um lembrete): façam todo o esforço possível para, uma vez escolhido o livro, **transformar os grupos responsáveis pela escolha em equipes de acompanhamento, discussão e avaliação do uso**. Será função desse grupo, entre outras coisas:

- planejar coletivamente a exploração didática do livro ao longo do ano;
- reunir-se periodicamente para trocar experiências, de acordo com uma agenda combinada de antemão, sempre combinada com o calendário escolar;
- (re)avaliar tanto o livro quanto os seus diferentes usos, do ponto de vista da *eficácia em sala de aula* e, portanto, da prática docente.

Por meio desses grupos, será possível otimizar os esforços pessoais e programar atividades de adaptação, complementação e superação do próprio trabalho proposto pelo LD. Programar a exibição de filmes, a realização de atividades conjuntas, pesquisas e mesmo projetos pensados por disciplina, por ciclo, por temas transversais, torna-se então uma possibilidade efetiva, e não um desejo eternamente adiado.

Lembrem-se de recursos e materiais correlatos, sempre disponíveis, e aos quais será possível recorrer em cada fase do trabalho. A propósito, em 2006 as escolas do primeiro segmento do Ensino Fundamental público de todo o país receberão dois acervos distintos de dicionários: o primeiro acervo, composto por nove dicionários diferentes, é voltado para os alunos das séries iniciais, ou que se encontram em fase inicial de alfabetização – 1ª e 2ª séries ou 1º ao 3º anos; já o segundo acervo, também composto por nove diferentes dicionários, foi selecionado tendo em vista os alunos que já se encontram em fase final de aquisição da língua escrita – 3ª e 4ª séries ou 4º e 5º anos de escolaridade. Vale enfatizar que conhecendo melhor as características desses dicionários, é possível utilizá-los como um instrumento interessante no processo de ensino da leitura em qualquer disciplina.

Além disso, a **biblioteca escolar** e, especialmente, os **acervos distribuídos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola**, poderão, nesse momento, desempenhar um papel inestimável no estabelecimento da rede necessária entre o LD e o mundo da escrita. Aliás, organizar ou incrementar a biblioteca é uma tarefa imprescindível, e não só para dar ao LD a sua mais legítima ambiência, mas também para trazer uma amostra representativa da cultura letrada para um convívio direto e inadiável com a criança popular. Uma proposta então se impõe: manter na

biblioteca escolar um exemplar de cada coleção de LD já utilizada, para, assim, constituir-se uma base importante para consultas, no momento da escolha, e para traçar-se o trajeto das equipes e da própria escola, em sua relação com o LD. Outra providência importante: sempre que oportuno, levar para a sala de aula jornais e revistas. Além de relativamente baratos e de fácil acesso, muitas vezes são objeto de doação por parte dos próprios editores, quando devidamente contatados.

Às vezes, é possível conectar o computador da escola com a **internet** e aí... as possibilidades se multiplicam. Páginas governamentais como a do MEC e as de ONGs, especialmente as voltadas para a educação, poderão trazer grandes contribuições ao seu trabalho. Há ainda os programas da **TV Escola**, sempre atentos às necessidades e ao cotidiano da escola pública brasileira. Além disso, muitos programas locais e nacionais, como o **Amigos da Escola**, entre muitos outros, podem oferecer boas oportunidades de, ao fazer o que o LD não pode fazer, aprofundar e expandir as conquistas por ele propiciadas.

8. Uma questão de escolha

Ao discutirem a escolha por uma coleção, é importante observar alguns pontos relevantes do PNLD:

UTILIZAÇÃO POR TRÊS ANOS - A escolha será válida por três anos: 2007, 2008 e 2009 e somente poderá ser substituída depois de transcorrido este período. Isso implica em uma escolha pautada em uma discussão minuciosa, a ser feita pela equipe de cada área de conhecimento, para subsidiar o planejamento da escola.

PRIMEIRA E SEGUNDA OPÇÃO - Ao preencherem o formulário, uma das coleções deverá ser indicada como primeira opção e a outra, como segunda. Essa última opção precisa ser tão cuidadosa quanto a primeira. Além disso, é imprescindível que as coleções de cada opção pertençam à editoras diferentes, para evitar que eventuais obstáculos na aquisição dos livros de uma determinada editora, comprometam ambas as opções de sua escolha.

RESERVA TÉCNICA - A reserva técnica é utilizada para atendimento de escolas, novas turmas e novas matrículas. Essa reserva é definida com base nas coleções de cada disciplina mais escolhidas no Estado, no Município da Capital e/ ou Regionais de Ensino. Se for preciso, a escola poderá recorrer a essa reserva.

Além desses pontos, é muito importante observar que a escolha deve ser realizada pela escola com autonomia, de forma totalmente isenta de interferências externas, tais como editoras, distribuidores, divulgadores etc. As normas de conduta e a regulamentação da forma de divulgação dos livros do PNLD estão dispostas na Portaria Ministerial MEC 2.963, de 29/08/2005, disponível no site www.fnde.gov.br.

Não permitam que outros façam a escolha por vocês!

9. Depois da escolha: cuidados com o manuseio e a conservação do livro

Como deve durar três anos, e, portanto, passar por ao menos três alunos, o LD não pode ser manuseado de qualquer maneira. Trocando em miúdos, o LD distribuído pelo PNLD precisa ser conservado, o que nos coloca diante da necessidade de regulamentar o uso pessoal de um recurso *da escola* e, portanto, do coletivo dos alunos. Assim, abre-se uma excelente oportunidade para levar o aluno a entender o que é — e porque se deve regulamentar — **o uso da “coisa pública”**, levando a criança a entender que os seus direitos sobre o livro terminam quando começa o das demais crianças.

Nesse sentido, o bom manejo do LD envolve, já de saída, a aprendizagem e o exercício da ética necessária ao convívio social e à construção da cidadania. Cuidar do livro, ajudar a conservá-lo, é, ainda, aprender o sentido da preservação do *patrimônio público*. É bom lembrar que encapar, encadernar etc., podem ser não só apenas trabalhos manuais, mas formas de viver o respeito, o afeto e o fascínio pela “biblioteca verde”.

10. Preenchendo o formulário

Agora é hora de efetivar as escolhas. Para o PNLD/2007 serão escolhidas coleções somente para alunos de 1ª a 4ª séries.

Encartados, neste Volume, vocês estão recebendo um formulário “Carta-Resposta - FNDE” e um conjunto de etiquetas auto-adesivas, identificadas com códigos de barra e coloridas de acordo com o componente curricular, conforme a seguir:

- Alfabetização - laranja
- Língua Portuguesa - vermelha
- Matemática - azul
- Ciências - lilás
- História - marrom
- Geografia - verde

Essas etiquetas auto-adesivas deverão ser coladas no formulário “Carta-Resposta - FNDE” em 1a e 2a opção, ficando atentos para que as editoras sejam diferentes, devido à possibilidade de ocorrer algum problema por ocasião da compra com uma das editoras.

Assim, ao se preencher o formulário, além de obedecer às indicações de área do conhecimento, uma das coleções escolhidas para cada componente curricular - Alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia - deve ser indicada como primeira opção e a outra como segunda opção.

Na página 36 deste caderno, encontra-se o formulário da escola que deverá ser preenchido manualmente com a transcrição dos códigos das coleções escolhidas, para comprovar a sua escolha.

Antes de preencherem os formulários da escola e o da “Carta-Resposta - FNDE” leiam atentamente as instruções constantes nas páginas 37 e 38 deste Caderno.

Escolha o livro pela internet

Graças às novas tecnologias de tratamento de dados, vocês, professores podem, também, escolher os livros didáticos pela

Internet, na página eletrônica do FNDE (www.fnde.gov.br).

Esse processo permite a substituição dos formulários impressos, economizando tempo e dinheiro, evitando os atrasos e as perdas, transformando-se em benefícios para todos.

Em caso de dúvida

- Ligar para a Central de Atendimento FNDE/Brasília
Tel. 0800 616161 (ligação gratuita).
- Consultar a Secretaria de Educação do Estado/Coordenação do Livro Didático.

ATENÇÃO!

**O prazo para devolução do
formulário “Carta-Resposta - FNDE”
é 09/06/2006.**

ATENÇÃO

Este formulário deverá ser utilizado apenas para transcrever, à caneta, os códigos das coleções e livros escolhidos, devendo ficar arquivado na escola para a comprovação da sua escolha.

Utilize apenas caneta para escrever neste formulário.

**Não deverão ser utilizadas etiquetas neste formulário.
LEIA AS INSTRUÇÕES NO VERSO (PÁG. 37 e 38)**

Nome do responsável pela Escola:

Local:

Data:

CPF:

.....
assinatura

ALFABETIZAÇÃO**1ª OPÇÃO****2ª OPÇÃO****LÍNGUA PORTUGUESA****1ª OPÇÃO****2ª OPÇÃO****CIÊNCIAS****1ª OPÇÃO****2ª OPÇÃO****MATEMÁTICA****1ª OPÇÃO****2ª OPÇÃO****GEOGRAFIA****1ª OPÇÃO****2ª OPÇÃO****HISTÓRIA****1ª OPÇÃO****2ª OPÇÃO**

Livros regionais disponíveis para os estados: AL, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MG, MS, MT, PA, PE, PR, RJ, RS, SC, SP

GEOGRAFIA REGIONAL**1ª OPÇÃO****2ª OPÇÃO****HISTÓRIA REGIONAL****1ª OPÇÃO****2ª OPÇÃO**

Instruções para preenchimento do Formulário de Escolha (Carta - Resposta - FNDE) para o PNLD/2007

1. Confiram os dados da escola constantes no formulário “**Carta-Resposta - FNDE**”;
2. Leiam o Guia do PNLD/2007, Formulários e Caderno de Apresentação;
3. Preençam os dados solicitados no formulário “**Carta - Resposta - FNDE**” (Local, data, nome, CPF e assinatura do responsável pela escola);
4. Façam a escolha de 1ª e 2ª opção. A 2ª opção serve como alternativa no caso de não ser possível a compra, pelo FNDE, da 1ª opção. Por isso, as opções devem ser de Editoras diferentes;
5. Antes de colarem as etiquetas auto-adesivas no formulário “**Carta-Resposta - FNDE**”, confirmem, atentamente, se a etiqueta destacada refere-se à coleção escolhida;
6. Destaquem do conjunto de etiquetas e cole no formulário “**Carta-Resposta - FNDE**” as etiquetas nos locais corretos, exatamente nos retângulos, observando a coincidência de cores, para não ocasionar erros de leitura dos códigos de barra, o que prejudicariam as suas escolhas;
7. Não sobreponham as etiquetas! Isso poderá impossibilitar a leitura do código de barras, prejudicando a escolha de sua escola;
8. Não utilizem formulários ou etiquetas de Programas anteriores;
9. Escolham apenas títulos/códigos que constem do GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS - PNLD/2007;
10. Não rasurem, nem escrevam nas etiquetas.
11. Dobrem o formulário “**Carta-Resposta - FNDE**”, cole no local indicado e entreguem na agência dos Correios mais próxima. Não é preciso selar o formulário.
12. **Atenção!** As opções do componente curricular não preenchidas com as etiquetas auto-adesivas não serão atendidas.

13. Não serão aceitas escolhas feitas por meio de ofício, fax e etc.

A Escola que não deseja receber livros de 1ª a 4ª série deve devolver o formulário “**Carta-Resposta - FNDE**” assinado, e sem colar as etiquetas.

14. A escola deverá optar por uma das duas formas de escolha. Pela internet ou pelo formulário.

11. Recebendo os livros

A distribuição dos livros didáticos, relativos ao PNLD/2007, será operacionalizada pelo Ministério da Educação, por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE.

Suas Escolas deverão receber, até 31/12/2006, pelo PNLD/2007, livros didáticos de Alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia para todos os alunos de 1ª a 4ª séries; Livro de Alfabetização opcional para os alunos de 1ª série e a 2ª.

O FNDE enviará uma carta azul com informações dos quantitativos de livros adquiridos para suas Escolas, que deve ser utilizada para conferência das encomendas entregues pelos Correios.

Fiquem atentos! Se não receberem os livros até 31/01/2007, procurem a Agência dos Correios mais próxima e solicitem informações sobre o destino dos livros remetidos à sua Escola.

Informações referentes a quantidade de livros adquiridos, postados e entregues para sua Escola, também podem ser verificadas em “DISTRIBUIÇÃO PNLD/PNBE/PNLEM” disponível no site do FNDE na Internet www.fnde.gov.br, seção destaques.

Suas escolas devem, também, a cada final do ano letivo, implementar o processo de recebimento da devolução dos livros pelos alunos, garantindo sua utilização/reutilização por até três anos consecutivos.

12. Acompanhando a distribuição na escola

A distribuição dos livros em suas escolas é uma operação bastante complexa, considerando as diversas mudanças que podem ocorrer no alunado tal como o retorno, o deslocamento e a evasão, ocasionam a sobra ou a falta de exemplares na escola.

A Legislação do PNLD define como uma de suas diretrizes a obrigação de cada escola informar para as outras escolas ou para as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação, a existência de livros que não estão sendo utilizados, possibilitando seu remanejamento.

No caso de falta de livros, suas escolas poderão recorrer a esses estabelecimentos, visando atender a todos os alunos pelo remanejamento.

Para isso, deverá recorrer ao Sistema de Controle de Remanejamento e Reserva Técnica-SISCORT, que foi desenvolvido pelo FNDE, para dar maior transparência na execução do PNLD, auxiliar o remanejamento dos livros nas escolas, municípios e estados bem como, assessorar a Secretaria do Estado, do Município Capital ou Regional de Ensino na distribuição da Reserva Técnica.

O SISCORT é um serviço gratuito, on-line, disponibilizado na Internet, no site do FNDE (www.fnde.gov.br), que permite às suas escolas, por meio de senha, registrarem e controlarem a movimentação de livros, a distribuição da Reserva Técnica e a devolução dos livros pelos alunos no final do ano letivo.

Este Sistema, além de viabilizar o controle gerencial do PNLD por todos os seus órgãos gestores, constitui-se numa medida relevante para a implementação de uma política que visa assegurar a entrega de livros a todos os alunos, sendo também de responsabilidade de cada escola a garantia de seu sucesso e efetividade.

13. Bibliografia

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes et all. *Programa Nacional do Livro Didático: histórico e perspectiva*. Brasília, SEF/MEC, 2000.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes & VAL, Maria da Graça Costa (orgs.). *Livros de alfabetização e de português: os professores e suas escolhas*. Belo Horizonte, CEALE/Autêntica, 2004. (Educação e Linguagem)
- BRASIL. SEF/MEC. *Referenciais para a formação de professores*. Brasília, SEF/MEC, 1999.
- ESTADO DA BAHIA. SE/SUPEN/CRD. *Utilização dos recursos didáticos*. Salvador, SE/SUPEN/CRD, 2000.
- ESTADO DE SANTA CATARINA. SEED/DIEF. *Considerações sobre análise e escolha de livros*. Florianópolis, SEED/DIEF, 1999.
- ESTADO DE SANTA CATARINA. SEED/DIEF. *Seleção de livros didáticos; 1ª série do ensino fundamental*. Florianópolis, SEED/DIEF, 1999.
- ESTADO DE SÃO PAULO. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. FDE. *Pesquisa: leitura na rede estadual de ensino*. São Paulo, FDE, 1992.
- GÉRARD, François-Marie & ROEGIERS, Xavier. *Conceber e avaliar manuais escolares*. Porto, Porto Ed., 1998. (Ciências da Educação, 30)
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL DA FRANÇA. *A escolha de um manual: uma aposta pedagógica*. Paris, Ministério da Educação Nacional, s/d. [Trad.: Maria Luiza Nogueira]
- PEREIRA, Tereza Nêuman Cândido. Coord. *Convivendo com os usos da escrita antes da escola*. Brasília, MEC/INEP, 1994. (Série Documental; Relatos de Pesquisa)
- SOARES, Magda. *Letramento; um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica, 1998